

O COTIDIANO DO TRABALHO E AS NOVAS DINÂMICAS TERRITORIAIS NO PANTANAL/MS

The daily work and the new territorial dynamics in the Pantanal/MS

Resumo

O Pantanal está localizado entre os Estados de Mato Grosso do Sul e do Mato Grosso e faz fronteira com a Bolívia e o Paraguai. Desde os anos de 1970 o Pantanal vivencia transformações territoriais, sociais e econômicas. O avanço do capitalismo e a globalização impuseram outros sujeitos e atividades econômicas na região, alterando as relações sociais, profissionais e o viver local. Os viveres sociais de poucas relações externas, calcados em relações familiares e profissionais, nos dias atuais estão permeados por “gentes” de formações culturais distintas, que chegam às terras pantaneiras atraídas pelo novo ordenamento econômico que se baseia, principalmente, no turismo e na pecuária modernizada. Consequentemente, a dinâmica do Pantanal foi transformada afetando diretamente o cotidiano do trabalhador pantaneiro. Assim, novas maneiras de se relacionar, entre si e com a natureza, foram sendo construídas pelas gentes pantaneiras, na busca de manterem-se inseridas na economia mundo. O objetivo é identificar as diferenças e similaridades do cotidiano do trabalho nas fazendas pantaneiras. Para tanto, o trabalho se apoiará na geografia e em outros saberes. O estudo contará com autores como Santos (2008), Harvey (2005), Smith (1998), Lefebvre (1991), Heller (1972), além de estudiosos sobre o Pantanal.

Palavras-chaves: Pantanal, cotidiano, gente pantaneira, trabalho.

Abstract

The Pantanal is located within the Brazilian states of Mato Grosso do Sul and Mato Grosso, and bordering Bolivia and Paraguay. Since 17th century Pantanal has been undergoing territorial, social and economic transformations. The advancement of capitalism and the globalization introduced new people and different economic activities. This has introduced new forms of social, professional relationships among people leaving and working in Pantanal, changing the local lifestyle. The social way of life based on familiar and professional relationships is now permeated by people with diversified cultural backgrounds that were attracted by the new economy mostly based on tourism and modern livestock production. As a consequence the dynamics of the Pantanal universe was transformed, affecting directly the daily life of Pantanal workers. So to base a deep understanding of human, social and economic relationships in Pantanal, as well as the relationship between Pantanal people and nature, the objective is to identify differences and similarities in the daily life of farms in the Pantanal. For this, the work finds theoretical support on geography and other sciences based on the work of authors such as Santos (2008), Harvey (2005), Smith (1998), Lefebvre (1991), Heller (1972) and the work from specialists in Pantanal.

Keyword: Pantanal, daily life, Pantanal people, work.

Introdução

Considera-se como Pantanal a grande planície de inundação com área de 138.183 quilômetros quadrados, localizada no centro da América do Sul, entre o Brasil, a Bolívia e o Paraguai. Na parte brasileira do Pantanal, nos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, as diversidades culturais e ambientais permitem a identificação de onze sub-regiões: Cáceres, Poconé, Barão de Melgaço, Paiaguás, Paraguai, Nhecolândia, Abobral, Aquidauana, Miranda, Nabileque e Porto Murtinho (SILVA & ABDON, 1998).

O Pantanal é uma região de acesso dificultado pela presença de terrenos arenosos, campos inundáveis e ambientes aquáticos, como lagoas, baías, vazantes e corixos (ARAÚJO, 2006, p. 47). O relevo da região, em virtude do nível de inundação e de outras características, pode ser dividido em três tipos principais de habitats: Alto Pantanal, com áreas esparsas de inundação (seus campos inundáveis cobrem cerca de 20% da área e a inundação dura de 2 a 3 meses por ano, com profundidade de aproximadamente 30 a 40 cm); Médio Pantanal, uma zona de transição com inundações mais profundas (durante 3 a 4 meses do ano); e Baixo Pantanal, área extremamente plana com inundações mais profundas e duradouras (o período das enchentes pode chegar a seis meses e algumas áreas se encontram permanentemente alagadas).

Essa planície sedimentar limita-se a leste e ao norte pelo planalto dos Parecis, a leste pela Serra de Maracaju e Campo Grande, ao sul pela serra da Bodoquena e a oeste pelas morrarias do Urucum e Amolar. A vegetação é variada, composta por florestas e cerradões sem alagamentos periódicos, campos inundáveis e ambientes aquáticos. A fauna destaca-se pela abundância e diversidade de espécies.

A região possui baixa densidade demográfica, em torno de 3,3 hab./Km² (ARAÚJO, 2006). A concentração populacional situa-se nos núcleos urbanos locais e em torno das sedes das fazendas, em contraste com imensas áreas desabitadas.

O Pantanal é uma planície de inundação, sítio de importante ecossistema, mundialmente conhecido pela expressiva biodiversidade. Essas características singulares o individualizam e o tornam uma unidade fisiográfica e morfológica única.

O rio Paraguai é o principal eixo de drenagem regional, coletor das águas de vários leques aluviais, tais como leques dos rios Taquari, Aquidauana, Cuiabá e São Lourenço. Dentre os leques aluviais, o mais notável é o megaleque do Taquari (ASSINE, 2004). A Figura 01 mostra a localização do Pantanal entre os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul:

Figura 01: Localização do Pantanal



http://siscom.ibama.gov.br/monitora_biomias/

O Pantanal está dividido em fazendas, propriedades rurais onde até meados do século XX, se praticava, em sua maioria, unicamente a pecuária extensiva de corte. O período reconhecido como a “crise da atividade pecuária” (entre 1980 e 1990), levou os fazendeiros a vislumbrarem formas alternativas de complementação dos lucros, entre elas, a atividade turística se destaca.

Atualmente, a reorganização espacial desses Pantanaís abrange imóveis rurais com funções especificamente pecuárias ou turísticas, assim como aqueles onde o espaço é compartilhado com o turismo e a pecuária em um mesmo local.

No final da década de 1970, iniciou-se no Pantanal um período de grandes mudanças, motivadas pelo avanço das comunicações e das novas tecnologias, que culminaram, no início do século XXI, com a ascensão de outras modalidades econômicas, impondo ao Pantanal novas relações socioeconômicas e atraindo novas pessoas. Esse reordenamento interferiu diretamente no território, na territorialidade, na produção do espaço pantaneiro e no modo de vida da população pantaneira.

A construção histórica do Pantanal foi permeada por acontecimentos promotores de mudanças, de ordem política, social e econômica, significativas em sua Geografia, dentre elas a divisão do Estado de Mato Grosso em dois e a criação de uma nova Unidade da Federação - o Estado de Mato Grosso do Sul, esse fato caracterizou-se como um marco na constituição do Pantanal moderno.

No novo Estado alguns eventos foram marcantes, como, por exemplo, a implantação da Estrada-parque Pantanal, a pavimentação asfáltica da BR 262, e, principalmente, a promoção da separação do chamado bioma pantaneiro em dois entes federativos, os quais apresentam formas de ocupação, às vezes, diferenciadas e conflitantes. Esses e outros episódios colaboraram no processo de modificação do espaço pantaneiro.

No Pantanal tudo depende das águas. São elas que condicionam os diversos tipos de vida, modificam os solos, nutrem as pastagens, obrigam os bichos a migrarem. A atividade das águas, marcada por períodos de seca e de enchente, processo conhecido como pulso das inundações, comanda a riqueza, a abundância e a diversidade de vida na região.

Constata-se, portanto, que nos últimos anos, o Pantanal vem passando por processos de transformação, justamente quando o capitalismo mundial se reestrutura, lançando-se para uma nova divisão do trabalho onde o espaço local é valorizado. Nessa valorização da escala local, o Pantanal se destaca como uma área de produção de carne bovina, tendo fortalecida sua

função tradicional que, todavia, vê-se obrigada a se modernizar, gerando as condições necessárias para a inserção e manutenção da região no mercado mundial.

Desde a segunda metade do século XX o Pantanal vivencia acentuadas transformações territoriais, sociais e econômicas. O avanço da modernidade capitalista no mundo contemporâneo e a expansão do processo de globalização impuseram outros sujeitos e diferentes atividades econômicas ao espaço pantaneiro, imprimindo novas formas de relacionamento social e profissional entre as pessoas que vivem e produzem no Pantanal, alterando sistematicamente o viver local.

O objetivo deste trabalho é apresentar diferenças e similaridades do cotidiano do trabalho no âmbito da fazenda pantaneira, a partir de 1970 até a atualidade. Esta proposta vem ao encontro das necessidades de suprir parte das carências de estudos promotores da compressão das ressignificações nas relações humanas, sociais, econômicas e destas com a natureza, no ambiente pantaneiro. Para tanto, o trabalho se apoiará teoricamente na ciência geográfica, permeada por outros saberes, como a antropologia, a economia, a filosofia, a sociologia, os quais subsidiarão o caminho científico em busca da compreensão do processo de cotidianidade produzido no Pantanal.

O PANTANAL NA MODERNIDADE CAPITALISTA

As transformações econômicas e sociais, mais aceleradas, pelas quais o Pantanal está atravessando desde o final do século passado estão sob o efeito do processo de globalização e da modernidade científica e tecnológica, sob a égide do avanço do capitalismo no mundo moderno, onde o mercado dita as regras da economia mundial e da produção. Para Santos (2008): “Trata-se de nova fase da história humana, (...) podemos, pois, admitir que a globalização constitui um paradigma para a compreensão dos diferentes aspectos da realidade contemporânea” (SANTOS, 2008, p. 45).

Nesse caminhar a produção pecuária pantaneira da primeira metade do século XX, exclusivamente extensiva, de técnicas simples de manejo com o gado, para se tornar competitiva no mercado mundial precisou adequar-se tecnologicamente à demanda mundial por produtos de qualidade a preços competitivos.

A aplicação de novas e diferentes técnicas na criação do gado segue os ditames do mercado mundial. Conforme Santos (2010) esclarece:

A globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista. Para entendê-la, como, de resto, a qualquer fase da história, há dois elementos fundamentais a levar em conta: o estado das técnicas e o estado da política (SANTOS, 2010, p. 23).

Um dos exemplos da inovação no Pantanal é a utilização de pastagem cultivada para alimentação do rebanho bovino, conforme relato de um fazendeiro pantaneiro entrevistado (as falas dos entrevistados receberam transcrição literal):

Eu tirei dinheiro *prá* formar quinhentos hectares de pastagem no Pantanal. (...) Foi a primeira vez que se plantou pasto artificial no Pantanal. Uns parentes falavam: “Ele *tá* plantando pasto, você não vai *plantá*? Não. *Vô esperá* ele *quebrá*”. Eu não quebrei e eles começaram a *plantá*. Isso foi em 1970, 1972. Eu consegui um gado com melhor qualidade e melhor rentabilidade.

A alteração espacial, calcada na ordem mundial contemporânea, está ressignificando a geografia do Pantanal para acompanhar a condução do mundo globalizado, referenciada no

conhecimento científico, responsável em imprimir, aos produtos, qualidades competitivas, garantia de rápida comercialização e retorno financeiro.

A aplicabilidade da tecnologia na produção bovina contribui para a diminuição na perda do rebanho e aumento da rentabilidade, apoiado nas qualidades nutricionais necessárias para atender o mercado internacional, conforme Figura 2.

Figura 02: Animais com dieta suplementada garantem qualidade e rentabilidade ao rebanho.



Autoria: a autora

O período reconhecido como o da crise da atividade pecuária (entre 1980 e 1990), aliado ao avanço do capitalismo no Mundo Moderno, deu início ao reordenamento territorial, econômico e social no Pantanal. Harvey (2005) denomina esse tipo de crise de periódica e atribui a elas “(...) o efeito de expandir a capacidade produtiva e de renovar as condições de acumulação adicional. Podemos conceber cada crise como uma mudança do processo de acumulação para um nível novo e superior” (HARVEY, 2005, p. 47). No bojo das adversidades e transformações, os empresários da pecuária pantaneira vislumbraram formas alternativas de complementação dos lucros, como, por exemplo, o turismo. Logo, além da modernização na pecuária, a atividade turística desponta como uma modalidade econômica alternativa para as pessoas que vivem e produzem no Pantanal.

Imbuídos no processo de desenvolvimento do turismo no Pantanal, empresários e representantes do governo iniciaram a reestruturação do território, como a sensibilização ambiental, a adesão aos programas do Governo Federal de incentivo ao turismo, a criação de órgãos estaduais de regulamentação do turismo, como, por exemplo, a Fundação de Turismo de Mato Grosso do Sul. Ademais, o Pantanal foi projetado na mídia nacional e internacional, e, recebeu o título de Patrimônio Natural da Humanidade concedido pela UNESCO, em 30 de Novembro de 2000.

A introdução de setores econômicos do Pantanal (pecuária e turismo) no mercado globalizado atende a demanda mundial, independente das relações locais, a globalização imprime novos caminhos para a produção espacial e para o modo de vida da gente do Pantanal:

o trabalho e os novos sujeitos que adentram terras pantaneiras geram grandes e irreversíveis mudanças no cotidiano pantaneiro.

COTIDIANO PANTANEIRO: GENTE E TRABALHO

Os estudos sobre o cotidiano desenvolvidos por autores como Lefebvre (1991), Heller (1972), Martins (2012), Guimarães (2002) entre outros, sustentam teorias referenciadas na filosofia, na sociologia, na história, na globalização e na modernidade. Martins (2012) aponta a modernidade como um dos elementos de análise do cotidiano:

O que se propõe à vida de todo homem contemporâneo não é essa racionalidade ilimitada, mas seus problemas, sua inconclusividade, suas dificuldades. O homem comum tem que descobrir e inventar caminhos para superá-las. A modernidade se instaura quando o conflito se torna cotidiano e se dissemina (MARTINS, 2012, p. 20).

Para Lefebvre (1991), a compreensão do cotidiano e da cotidianidade está relacionada com a filosofia:

O conceito de cotidianidade provém da filosofia e não pode ser compreendido sem ela. (...) O conceito de cotidianidade não vem do cotidiano nem o reflete: ele exprime antes de tudo a transformação do cotidiano vista como possível em nome da filosofia (LEFEBVRE, 1991, p. 19).

Em Guimarães (2002), o conceito de cotidiano se aproxima da representação que primeiro nos vem à mente “o dia a dia”:

(...) quando nos referimos ao cotidiano, estamos falando sob o prisma da representação social do dia-a-dia, ou seja, falar em cotidiano num primeiro momento nos leva a pensar diretamente em ações que dizem respeito a nossas rotinas, a tudo que se realiza empiricamente, repetidamente, é o viver o dia-a-dia de uma forma quase que banal. No entanto, pensar o cotidiano de um prisma teórico implica descobrir o incomum no repetido. É descobrir que a essência do cotidiano está no não-cotidiano ou na cotidianidade (GUIMARÃES, 2002, p.11).

As citações oferecem subsídios para compreender a dinâmica territorial pantaneira nas relações de trabalho e do viver local.

As gentes pantaneiras (homens, mulheres e crianças que vivem e/ou produzem no Pantanal independente da origem) empregadas de fazendas tinham como características hábitos simples e poucas relações sociais.

O cotidiano dos trabalhadores das fazendas sempre esteve relacionado à lida dos animais. Os cuidados com o rebanho cabia aos homens, os chamados peões ou vaqueiros. As mulheres se responsabilizavam pelos afazeres domésticos da casa da família e da casa dos patrões e pela preparação das refeições rica em proteína animal, para sustentação física dos peões durante o trabalho no campo, constituída basicamente de carne, arroz, feijão e mandioca.

No Pantanal, as altas temperaturas (no verão chegam a atingir 40°C) e a alta umidade do ar, induzem as atividades laborais nas primeiras horas da manhã. Por volta das 5h os peões iniciam o trabalho no campo, com intervalos para o tereré (tipo de mate servido frio ou gelado), entre 8h30 e 9h30, e param para o almoço, em torno das 11h. O retorno às funções, normalmente acontece depois das 15h ou 15h30. Nesse intervalo, os peões ficam nos galpões cuidam da manutenção e preparo de equipamentos de trabalho. A Figura 03 mostra o retorno dos peões às atividades profissionais do período vespertino.

Figura 03: Retorno dos peões às atividades laborais vespertinas.



Autoria: a autora

No trecho abaixo, um fazendeiro pantaneiro entrevistado descreve a rotina de trabalho de seus empregados:

Essa região é extremamente quente. Tem que *dormí cedo prá acordá* de madrugada, porque se não *usufruí*, principalmente no verão, das primeiras horas, se não “*mexê o doce*” cedo, não aguenta o calor. Tem que *começá* 4h da manhã. A minha cozinheira, 4h ou 4h30 *tá* na beira do fogão fazendo o café, tomando o mate. O marido e o filho vão *prá* leiteria. Quando é 5h30 ou 6h, o leite já *tá* na cozinha. Eles tomam o café da manhã, o quebra-torto e vão *pro* campo. Chega 10h, *tá* um calor danado e os cavalos também não aguentam. Os peões não voltam *pro* campo, antes das 3h ou 3h30 da tarde, porque o sol ainda continua muito quente. Das 10h30 até às 3h da tarde, tem que *trabalhá* na sombra, no galpão.

No Pantanal, a partir da década de 1970, tanto os proprietários de terras, quanto os trabalhadores, viram-se diante de redirecionamentos sociais, econômicos e culturais, como, por exemplo, a chegada de outros sujeitos em busca de oportunidades de emprego, de investimentos e de lazer.

Com o início da atividade turística no Pantanal, os trabalhadores pantaneiros passaram por um processo de duplicidade de função atendendo à pecuária e ao turismo.

O trabalho com o turismo, lenta e progressivamente, proporcionou a inserção de outros elementos culturais no cotidiano da gente pantaneira, como, por exemplo, a gastronomia, a linguagem e a vestimenta. Pode-se atribuir ao turismo a responsabilidade pela difusão de diferentes culturas em nível mundial, uma vez que:

Ele (o turismo) permite o encontro de seres humanos que habitam as regiões mais afastadas e são de línguas, raças, religiões, orientação política e posição econômica muito diferente (KRIPPENDORF, 2000, p. 82-83).

Em terras pantaneiras a alimentação sempre foi rica em proteína animal, derivada da carne de gado. Aos poucos, sobretudo com o início das atividades turísticas, a dieta das gentes pantaneiras se diferenciou, com a inclusão de frutas, verduras e legumes, alimentos que não faziam parte da dieta pantaneira por serem pouco cultivados no Pantanal. Um dos pantaneiros entrevistados afirmou sentir-se responsável pelas mudanças nos hábitos alimentares de seus empregados: “(...) aqui ele tem comida boa. Ele só vivia de arroz, feijão e carne e, no jantar, feijão, carne e arroz. Hoje, ele tem verdura, fruta. A gente termina educando até a alimentação *prá ele*”.

Para o monitor ambiental pantaneiro houve mudanças representativas no cardápio local: “Mudou bastante; por exemplo, na fazenda não tinha saladas, aqui na pousada tem saladas, legumes. Lá na fazenda, era só carne de sol, hoje tem freezer, eletricidade e pode *armazená* a carne por mais tempo; isso aqui mudou muito”. Nesse sentido, as transformações econômicas e sociais em terras pantaneiras interferiram, inclusive, na forma de nutrição da população.

A cotidianidade pantaneira está passando por um processo de urbanização, promovida pela inserção do Pantanal no Mundo Moderno e pelos avanços tecnológicos advindos do avanço da globalização. Pode-se citar, como exemplo, a prática desportiva como parte do cotidiano dos empregados das fazendas, das pousadas e das crianças, eles jogam futebol ou voleibol de areia em campos de futebol ou quadras de areia adaptados para esses fins. Para Lefebvre (2001): “Entre os elementos do sistema de valores, indicamos os lazeres ao modo urbano, os costumes, a rápida adoção das modas que vêm da cidade” (LEFEBVRE, 2001, p. 19).

As gentes pantaneiras, sobretudo as que vivem no Pantanal há mais de quarenta anos, atribuem a adesão dos hábitos urbanos ao novo modelo de produção do espaço pantaneiro - a atividade turística. Para o trabalhador entrevistado: “O turismo deixou todo mundo [do Pantanal] com jeito de cidade”.

As formas de alteração do cotidiano local foram impostas pela ordem mundial, independente do “querer” local. A afirmação se respalda na análise das entrevistas, realizadas durante o trabalho de campo, as quais apontaram a ausência dos trabalhadores nas discussões sobre os redirecionamentos no espaço pantaneiro. Segundo Bauman (1999), os investidores desconsideram e excluem a voz dos autóctones:

(...) os empregados, os fornecedores e os porta-vozes locais não têm voz nas decisões que os investidores podem tomar; e que os verdadeiros tomadores de decisão, as ‘pessoas que investem’, têm o direito de descartar, de declarar irrelevante e inválido qualquer postulado que os demais possam fazer sobre a maneira como elas dirigem a companhia (BAUMAN, 1999, p. 13).

O uso de novas tecnologias, especialmente, na comunicação e no transporte, contribuiu com a entrada do Pantanal no mercado internacional e está interferindo diretamente na rotina da vida pantaneira. As palavras de Paul Claval (2012) explicam os efeitos da globalização no cotidiano de homens, mulheres e crianças:

A globalização não afeta apenas a distribuição das atividades econômicas, da renda gerada e as populações que compartilham delas. O aumento da mobilidade e a aceleração da mudança alteram o cenário cultural e comprometem as identidades até então aceitas (CLAVAL, 2012, p. 357). (Tradução da autora).

O reordenamento no processo de produção do Pantanal alterou, também, o relacionamento da gente pantaneira com o meio ambiente. Nesse sentido, pode citar como exemplo as diferentes formas de “ver” e “viver” o rio. Até a primeira metade do século passado os rios serviam de “caminho” por onde chegavam alguns alimentos não produzidos na região.

A inserção da atividade turística no Pantanal transformou os rios da bacia pantaneira em mercadorias oferecidas aos turistas; com valor de troca na economia em ascensão, atribuindo-lhe normas, leis e órgãos de fiscalização.

Porém, mesmo ao exercer a função de um “produto”, o rio se mantém como um acesso para entrada de diferentes formas de vida, de cultura, de linguagem, de vestimenta, de tecnologia, de informação, de medicamento; enfim, de novas relações sociais, econômicas e ambientais entre os pantaneiros. Um trabalhador entrevistado retratou da importância do rio na sua infância:

A gente vivia mais do peixe. A estrada era o rio, o transporte era de barco. O rio era o caminho, o comércio e fonte da alimentação. No período da cheia, não dava *prá plantá os fruto*, daí tinha o peixe. *Tinha* aqueles senhores, que *tinha* lancha, que *vinha vendê* as coisas, passavam de tempo em tempo. Os senhores *vinha* com alimentação. Aí não tinha dinheiro, trocava a troco de milho, de feijão, de melancia. Era feita uma troca, a moeda era essa. Como era no rio Taquari, saiam de Corumbá trazendo as coisas, subiam o rio e *fazia* a troca com os moradores. Trazia o arroz, o feijão, a comida e trocava tudo por galinha, porco.

Os rios possibilitam a participação da comunidade no novo ordenamento econômico do Pantanal - o turismo. Gradativamente, a função do rio foi ressignificando a paisagem pantaneira e se transformando em produto turístico a ser comercializado. Pois:

A atratividade dos lugares turísticos (paisagens naturais ou construídas historicamente) precisa ser constantemente vendida, então, ela é constantemente recriada, ou melhor, padronizada em estilo, estética e atendimento. Os próprios serviços relacionados ao turismo produzem um novo fluxo de relações entre os sujeitos envolvidos (LUCHIARI, 1999, pp. 131-132).

As novas relações humanas, econômicas, culturais e com a natureza em construção no cotidiano das gentes pantaneiras, atribuem diferentes valores sociais, simbólicos e de pertencimento ao território.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A geografia como reveladora do movimento da sociedade está se transformando no Pantanal para atender a ordem mundial, alicerçada na economia, na sociedade e na cultura. As mudanças inseriram outros elementos ao cotidiano pantaneiro, alteraram os construídos desde a vinda dos primeiros portugueses, espanhóis, paraguaios, bolivianos e paulistas que participaram da colonização do Pantanal, e promoveram um processo de ressignificação espacial.

As transformações no cotidiano da população não ficaram restritas aos vínculos profissionais. A chegada de turistas, de empresários e profissionais do turismo e da pecuária modernizada, introduziu outros elementos à cultura local.

A implementação do turismo e a modernização da pecuária alterou o os viveres e os fazeres no Pantanal. Seus habitantes caracterizados por hábitos simples e de pouco contato com

o “mundo externo”, começaram a conviver com pessoas de profissões, nacionalidades, culturas, línguas e objetivos completamente distintos.

Em meio às transformações mundiais, a atividade turística desponta como uma possibilidade para expansão da capacidade produtiva. Assim, o turismo, aliado à criação de bovinos com avançada tecnologia de manejo, é um dos responsáveis pelas alterações na economia e no cotidiano local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, A. P. C. *Pantanal um espaço em transformação*. 2006. (Tese de Doutorado) - Instituto de Geociências, Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

ASSINE, M. L. *Pantanal Mato-grossense: uma paisagem de exceção*. In: MODENESI-GAUTTIERI, M. C.; BARTORELLI, A.; MANTESO-NETO, V. CARNEIRO, C. D. R.; LISBOA, M. B. A. L. (Orgs.). *A Obra de Aziz Nacib Ab'Saber*. São Paulo: Beca-BALL edições, 2010, p. 464-489.

BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências humanas*. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

CLAVAL, P. *De la terre aux hommes: lá géographie comme vision du monde*. Paris: Armand Colin, 2012.

GUIMARÃES, G, T, D. *O não-cotidiano do cotidiano*. In: GUIMARÃES, G, T, D. (Org.). *Aspectos da teoria do cotidiano: Agnes Heller em perspectiva*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

HARVEY, D. *A produção capitalista do espaço*. Tradução Carlos Szlak. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1993.

HELLER, A. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

KRIPPENDORF, J. *Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. São Paulo: Aleph, 2000.

LEFEBVRE, H. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.

_____. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

LUCHIARI, M. T. D. P. *O lugar no mundo contemporâneo: turismo e organização em Ubatuba-SP*. (Tese de doutorado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

MARTINS, J. S. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. 3. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

MOREIRA, R. *Sociedade e espaço geográfico no Brasil: constituição e problemas da relação*. São Paulo: Contexto, 2011.

PORTO-GONÇALVES, C. W. *A globalização da natureza e a natureza da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

RIBEIRO, M. A. *Entre os ciclos de cheias e vazantes: a produção de geografias no Pantanal*. Campo Grande/MS: Ed. UFMS, 2015. 232p.

- SANTOS, B. DE S. *A globalização e as ciências sociais*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- SANTOS, M. *Metamorfose do espaço habitado*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1991.
- _____. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico científico-informacional*. 5. ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- _____. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- SILVA, J. S. V.; ABDON, M. M. *Delimitação do Pantanal brasileiro e suas sub-regiões*. Pesquisa Agropecuária Brasileira, 33 (número especial). p. 1703-1712, 1998.
- SMITH, N. *Desenvolvimento Desigual*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1988.
- VARGAS, I. A. *Porteiras assombradas do paraíso - Embates da sustentabilidade socioambiental no Pantanal*. Campo Grande/MS: Ed. UFMS, 2010.